

Certo, você notou profunda mudança em mim, mas a gentileza lhe asfixiou as observações pessimistas que procurei calar igualmente por minha vez.

E as moças que cortejávamos noutra época, enlevados na paisagem do berço? Algumas delas, no Rio, debalde tentavam recursos contra a jornada implacável da Natureza. Eram quase irreconhecíveis. Odontólogos exímios não lhes restauravam a boca que namorámos, embevecidos, nos primeiros arroubos da juventude. Surgiam na avenida, assim como nós ambos, procurando farmácias para o reumatismo iniciante.

A morte, meu caro, teve o condão de acordar-me as reminiscências. E considerando a amizade que sempre nos ligou, no cenário humano, rememoro, saudoso, sua própria felicidade longínqua... Não ignoro que você perdeu os pais, a esposa inescutível e o filho mais novo que lhe era particularmente querido pelas afinidades sentimentais. Em dez anos, você mudou de residência quinze vezes, procurando alívio para o coração angustiado, irremediavelmente enfermo...

Seus olhos permanecem fixos no pretérito e, identificado com a sua dor de peregrino, cheio de ouro e vazio de paz, lembro-me, saudosamente, até mesmo de seu belo papagaio que nos divertia, faz quase trinta anos, gritando os nomes de políticos influentes da hora...

Desejaria confortá-lo, revivê-lo, mas... você, apesar de batido pelas desilusões e renovações incessantes, está convencido de que vive no plano mais sólido e inamovível do Universo e acredita que eu seja um vagabundo invisível a contar anedotas destinadas à ingenuidade humana.

Você, homem de carne e osso, declara-se imutável e assevera que não passo de sombra a voltar do país da morte.

Como poderá um fantasma consolar um homem seguro de si, a ponto de julgar-se intangível?

Decididamente, você tem toda a razão.

XXIV

NA ESFERA DOS BICHOS

Dizem que os macacos contemplavam grande cidade, nela depositando os sonhos para o futuro...

Viviam cansados — clamavam alguns — e queriam repouso. As fêmeas da espécie declaravam-se exaustas. Desde milênios, criavam os filhinhos, amamentavam-n'os, sofriam horrores, cobriam-se de humilhações e pleiteavam repouso.

Quem lhes ouvisse as queixas, acompanharia o coro de lágrimas. Os símios mais velhos choravam de meter pena. Afirmavam, sem reboços, que os conflitos na floresta eram francamente angustiosos e terríveis.

Sem dúvida, a turma despreocupada dos bichos dormia quase o dia inteiro, saboreava os produtos da terra e, quando não via presa fácil, desfrutava a lavoura dos homens com toda a sem-cerimônia. Se o tédio ameaçava, corriam todos para o arvoredo forte e improvisavam verdadeiro parque de diversões, na ramaria bordada de flores. Comiam o que não plantavam, valiam-se dos imensos recursos do solo, mas, assim que terminavam as brincadeiras, vinha o rosário de lamentações.

— Não suportamos esta vida! — reclamavam os antigos.

— Renovemos tudo! — desafiavam os novos.

Acabavam as reclamações, observando detidamente a cidade enorme que lhes centralizava as esperanças.

Tornando à gruta selvagem, impunham-se comentários alusivos à modificação. A transferência para a Casa do bípede humano era a única medida razoável. Os seres racionais tinham a noite magnificamente iluminada por lâmpadas coloridas. Tra-

javam roupas brilhantes. Dispunham de residências acolhedoras. Bebiam água gelada, na canícula, e chocolate reconfortante, no inverno. Possuíam palácios de governo, colégios, clubes, imprensa, parques e maquinaria. Gozavam as delícias da inteligência. Respiravam, pois, num céu legítimo.

Urgia, assim, a mudança compulsória.

Diante da exigência geral, reuniram-se os chimpanzés mais prudentes e mandaram um macaco velho para fazer os apontamentos locais.

O símio inteligente aproximou-se dos homens e deixou-se prender manhosamente num circo.

Partilhou a experiência dos filhos da razão, durante cinco anos consecutivos. Devorou centenas de bananas, andou por vilas e aldeolas enfeitado de guizos, fez pilhérias notáveis e, certo dia, regressou...

Grande congresso dos companheiros, a fim de ouvi-lo.

As fêmeas da tribo, sustentando os filhinhos, e os monos encanecidos enfiavam-se à frente de todos.

O emissário apresentou o seu relatório em guinchos solenes. Quase impossível traduzir-lhe a exposição em linguagem humana, todavia, o mensageiro explicou-se, mais ou menos assim, depois das saudações fraternais:

— Vocês pensam que estou voltando de um paraíso e todos aguardam o instante de penetração no reino humano, como se fôssem alcançar plena isenção de serviço e responsabilidade. No entanto, laboram em erro grave. Demorei-me cinco anos entre as criaturas que nos são superiores na organização, na conduta e na forma. Realmente, as leis a que se submetem, no continuísmo da espécie e na própria manutenção, não diferem dos princípios que somos constrangidos a obedecer. Criam os filhos com dificuldades análogas às nossas e lutam

igualmente com as tempestades e doenças. Quem lhes vê, contudo, o domicílio luxuoso julga-os falsamente, supondo encontrar entre eles o repouso e a alegria sem fim. Os homens, sem dúvida, são superiores a nós e agem num plano muito mais alto. Entretanto, ai deles se pararem de trabalhar! A natureza que nos cerca lhes invadirá as cidades, destruindo-lhes o encanto e as benfeitorias. Possuem castelos e universidades, carruagens e granjas. No entanto, para alimentarem os valores educativos que os distanciam de nós, são obrigados a respeitar horribéis disciplinas. Não fazem o que desejam, qual nos ocorre na fumaça. São submetidos a códigos e decretos, com os quais devem consagrar os próprios brios. A guerra entre eles, a bem dizer, é um estado natural. Os piores entregam-se a monstros perigosos, conhecidos pelos nomes de egoísmo e vaidade, ambição e discórdia, e começam a praticar violências calculadas, para dominarem as situações... Em razão disso, os melhores são compelidos a viver armados até às unhas, de modo a se defenderem, preservando as instituições de que se ufanam. A residência deles, indiscutivelmente, é maravilhosa, mas são tantos os problemas inquietantes a torturá-los de perto que, de quando em quando, eles mesmos improvisam chuvas de bombas com que inutilizam as próprias obras, a fim de recapitularem as lições que andam aprendendo com os poderes mais altos da vida. Para manterem o brilho da esfera em que habitam, padecem aflições dia e noite. De fato, são detentores de prodigiosa inteligência e parece-me que subirão muito mais na montanha do progresso que não podemos, por enquanto, compreender. Em compensação, trabalham tanto, sofrem tão largamente e são obrigados a tamanhas disciplinas que eu, meus irmãos, voltei resignado à minha sorte... Quero a minha gruta barrenta, prefiro nossos costumes e necessidades... o céu dos homens não serve para mim... não suporto... sou um macaco...

Os membros do conclave, porém, cobriram-no de zombaria e pedradas. Ninguém acreditou no mensageiro. Para a bicharia, a cidade dos homens era um ninho celestial, sem deveres e sem lutas, sem dificuldades e sem percalços e, por isso mesmo, a macacada continuou exigindo acesso à esfera humana, com o único objetivo de gozar e repousar.

Escutei a lenda curiosa, estudando-lhe o símbolo.

Não pintará esta história a mesma situação corrente entre os "vivos" e os "mortos" da atualidade?

XXV

ESPÍRITOS DOENTES

— Aonde chegaremos, "seu" Daniel? — exclamava Porfírio, excelente companheiro de lides espirituais — tenho visto muita teoria na doutrina, muita briga por isso e por aquilo, mas essa ideia de "espíritos doentes" não vai... Como engolir a novidade? Pertencem as moléstias ao corpo, articulam-se na fauna microscópica e devem acabar naturalmente com a extinção dos ossos. Espírito é espírito. Não temos aqui afirmação perfeitamente ortodoxa? Se as enfermidades são transferíveis, então...

— Mas, Porfírio, venha cá! — acentuava o interlocutor, complacente — raciocinemos sobre o assunto. Quem nos despertou para essas realidades não nos disse que a coisa é assim, sem mais nem menos. Nem todas as doenças nos acompanharão e grande número delas, indubitavelmente, não passará do sepulcro. E' inegável, porém, o desequilíbrio da mente e, em semelhante desarmonia, as enfermidades da alma se fazem claramente compreensíveis. Você não pode admitir que um homem, encarcerado na suposição de absoluto domínio, que viva de cometer violências com o próximo, provocando emissões magnéticas destrutivas ou perturbadoras, venha a achar-se em rigorosa sanidade espiritual, depois da morte, só porque deliberou aceitar o poder da oração "in extremis". A prece constituir-lhe-á remédio salutar, a empregar-se no início da cura. No entanto, não pode remover, de momento para outro, os espinheiros que tal homem criou para si próprio. Não acredita que o imprevidente e o perverso, desligados do corpo denso,